

O CONCEITO LIBERDADE EM ARISTÓTELES E NO EXISTENCIALISMO DE SARTRE

Paulo Ricardo Miranda de Queiroz¹

Resumo

O homem nasce e permanece livre. A liberdade foi e ainda é bastante discutida entre os pensadores, todos em busca de uma explicação convincente e correta acerca desta palavra que faz toda diferença na existência humana. Diante deste impasse, o que é a liberdade? Dois autores se destacam para tentar resolver esta questão. Estes são Aristóteles e Sartre. Aristóteles acreditava que a liberdade consistia numa harmoniosa integração do indivíduo numa sociedade em que a escravatura abrangia a maior parte dos homens. Já para Sartre constitui-se com verdades concretas e históricas sobre o homem. Afirma a liberdade e a realização do homem na decisão livre.

Palavras chaves: Liberdade, existência, essência, escolha, consciência.

INTRODUÇÃO

A liberdade se apresenta como um dos princípios de maior compromisso filosófico e mais extensas consequências quando a reflexão se volta para o homem. Ao longo do tempo a filosofia foi se revelando e se realizando à procura de um conhecimento completo, ou até simples, para atingir algo que se assume por inatingível e que possa explicar os principais problemas que se colocam ao homem.

A liberdade tem sua origem de maneira inexplicável, cujo imo o Homem não define, só a exercita na intimidade de sua existência. Aparece como um conceito muito amplo, com inúmeras respostas e opiniões acerca de sua significação. Sendo assim, resta a colocação de uma questão – O que é a liberdade? Vendo que sua compreensão abrange um nível global há necessidade de aplicá-la na prática, de forma que a sua presença na vida da pessoa mostre os perigos de sua utilização errônea. “A liberdade liga-se ao poder de decisão, de escolha”. (TELES, 2001, p.30).

¹ Aluno concluinte em 2010 do curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis

A origem etimológica da palavra liberdade está relacionada à palavra latina *Libertas*, empregada pelos romanos para diferenciar os escravos e prisioneiros dos cidadãos. Já para o dicionário básico de filosofia a liberdade tem o significado de: “Condição daquele que é livre. Capacidade de agir por si mesmo, autodeterminação, independência, autonomia”. (JAPIASSÚ E MARCONDES, 1991, p.163). Assim, chama-se de livres os homens cuja vontade não depende de outro.

Sendo assim, a cada ato responsável e consciente do homem e na sua existência singular, a liberdade se manifesta. De acordo com Descartes (*Apud* JAPIASSÚ E MARCONDES, 1991, p.163):

A liberdade consiste unicamente em que, ao afirmar ou negar, realizar ou enviar o que o entendimento nos prescreve, agimos de modo a sentir que, em nenhum momento, qualquer outra força exterior nos constrange.

A formulação do conceito de liberdade despertou em alguns filósofos o questionamento e a reflexão sobre ela. Procuram, então, esclarecê-la e aprofundar-se nesta área, pois o desejo de liberdade é um sentimento profundamente arraigado no ser humano. Teorias filosóficas e políticas, de todos os tempos, tentaram definir liberdade quanto às determinações de tipo biológico, psicológico, econômico, social dentre outras. As concepções sobre essas determinações, nas diversas culturas e épocas históricas, tornam difícil definir com precisão a ideia de liberdade de uma forma generalizada. A história da filosofia nos mostra, então, que filósofos convencidos de suas doutrinas, estas que exprimiam de maneira adequada a essência da liberdade, permitiram recolher experiências que elucidassem as diferentes condições da existência da liberdade como conceito.

A liberdade foi entendida e empregada de diversos modos e em contextos múltiplos, existindo assim uma pluralidade de liberdades. A título de exemplo alguns conceitos a respeito da liberdade. Liberdade política, a qual permite que todos os cidadãos participem da direção do estado e também “... estar livre de controle político, ser livre para falar, pensar e votar como queira...” (MORISON, 1959, p. 73). Liberdade de expressão, onde os cidadãos têm o direito de expressar os seus pontos de vista sem represálias. O indivíduo possui ainda a liberdade de pensamento ou liberdade interior, pois é dono de um espaço só seu, sem constrangimentos. A liberdade de religião, pode ser praticante da religião que escolher, isto livremente. Liberdade física e vital, o homem pode executar movimentos naturais sem constrangimentos. É de suma importância destacar ainda a Liberdade moral, segundo a qual o homem obedece às leis que regem a sociedade em que se insere. Que ele as aceite

voluntariamente, já que a sua conduta será conduzida, adequada de acordo com essas normas o seu juízo crítico de ação será a obediência a esses códigos. A consciência de cada pessoa será, no entanto, a norma última a reger a sua ação. Assim, demonstra a Liberdade de consciência, ou seja, se expressa quando a consciência se manifesta contra uma ação do homem.

A elaboração do presente artigo científico tem como objetivo clarificar o conceito de liberdade na visão de dois diferentes filósofos – Aristóteles e Jean Paul Sartre – tendo em vista também a aplicação do conceito liberdade na contemporaneidade. Este artigo emprega dados bibliográficos com base histórica e contemporânea. A linha de pesquisa deste trabalho é exclusivamente qualitativa por ser a mais adequada aos propósitos deste estudo.

1.0. CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA DA LIBERDADE

2.0.

1.1. Visão histórica de Aristóteles.

Aristóteles nasceu em Estagira (hoje Stavro), polis do Norte da Grécia continental, unida à Trácia e à Macedônia, em meados de 384 a. C. Especula-se que foi na primeira metade do primeiro ano da nonagésima nona olimpíada, sob o arcontado de Diótrefes. Seu pai era médico e pertencia a uma antiga linhagem destinada ao exercício da arte clínica. Sua mãe, Féstis, nascera em Cálisis, terra de origem dos colonos que futuramente haviam de fundar a Calcídia na península recortada a nordeste do Monte Olimpo.

Sua infância foi marcada pela corte real da Macedônia, onde seu pai exercia as funções de médico da família. Com o passar do tempo, Aristóteles foi para Atenas e adentra na academia. As aulas são ministradas pelo professor de retórica Isócrates. Aristóteles frequentou por muito pouco tempo esta escola preferindo os cursos ao ar livre.

Aristóteles sempre foi cercado de pensadores de sua época. Logo assumiu uma característica de leitor, dado pelos filósofos de sua convivência. Sendo assim, Platão, um dos influentes intelectuais e professor de Aristóteles, ministrava aulas em sua academia. Mostrava que a preparação para a vida pública exigia mais do que opiniões e recursos retóricos – deveria ter fundamentos científicos. Aristóteles preferiu o caminho apontado por Platão e, durante 20 anos, frequentou a Academia.

Logo após a morte de Platão, Aristóteles funda a sua academia. Então segue uma linha de raciocínio diferente de Platão. Era voltado fundamentalmente para investigações matemáticas. O Liceu, nome dado a sua academia, transformou-se num centro de estudos mais dedicados às ciências naturais. A personalidade e o caráter de Aristóteles correspondiam com seus escritos. Com uma personalidade distinta de tipo acentuadamente aristocrático, agudo no julgamento e, às vezes, irônico escolhendo escrupulosamente suas relações e companhias; homem predominantemente intelectual, mas também bondoso, grato e sempre inteiramente aberto àquelas expressões internas do espírito que se desenvolvem na vida de família, na amizade com os que pensam e sentem de um modo semelhante. Depois da morte de sua esposa Pítias, filha adotiva de Herméias, casou-se com Herpylis de Estagira. De seu primeiro casamento teve uma filha; do segundo, um filho, chamado Nicômaco, que morreu muito jovem, depois de haver editado a *Ética* de seu pai.

Passa o resto de sua vida dedicando aos estudos de diversas especulações de sua época, que refletem e orientam os homens do mundo hodierno.

1.2 O tema Liberdade

O ponto de partida da utilização de Liberdade absoluta, incondicional e sem limitações passou a existir com Aristóteles. Esta compreensão de liberdade aceita como livre o que é causa de si mesmo. Com isso, a pessoa sendo livre, é o agente dos fatos sobre os quais atua de forma livre e consciente. Para uma melhor compreensão, Aristóteles define como protagonista dos fatores causadores dos acontecimentos o espírito humano e os atos do homem. A virtude como vício depende unicamente do ser humano, pois ao contrário dos animais que não têm a possibilidade de escolher sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, o indivíduo pensante tem a capacidade de escolher no que diz sim e também pode dizer não. “O homem é o princípio e o pai de seus atos, assim como de seus filhos” (ARISTÓTELES *Apud* ABBGNANO, 1981, p. 232). Aristóteles defende também que, da mesma forma que uma boa ação depende de nós, também na mesma proporção de escolha dependerá de nós não realizar uma má ação. Além disso, considerou que se o homem conhecer o bem deve atuar de acordo com ele, visto que predominará sempre o ato livre por parte do homem a favor do bem.

Segundo Mondin (2008, p.109) esta inclinação natural do homem para o bem se define como:

Em geral se define a querer como uma forma de inclinação, de tendência ou de apetite. Por apetite (*appetitus*), entende-se qualquer inclinação para o bem (*bonum*), ou seja, em direção a “ao que todas as coisas desejam”. O bem é o objeto, a coisa que suscita, provoca e estimula a inclinação, o apetite.

Segundo Aristóteles, a ação moral do homem está ligada intrinsecamente com a liberdade da vontade, ou seja, uma ação voluntária, esta sim, implica em uma liberdade de escolha – livre arbítrio. O Estagirita então defende a existência destas duas formas de liberdade visto que, sem uma escolha, a liberdade não seria livre, tal como a escolha não seria possível se a vontade não fosse livre. Aristóteles analisa e defende o voluntarismo das ações humanas. Este conceito recorre à liberdade infinita, “voluntário é aquilo que é “princípio de si mesmo” (ABBAGNANO, 1981, p.233). Aristóteles admite, de tal modo, o homem como livre, pois é o “princípio de seus atos” (ARISTÓTELES, 1965, p. 73) já que é o princípio de si próprio, uma vez que decide a respeito de assuntos que dependem dele ou que possam ser por ele realizados, colocando como agente a faculdade de deliberação sobre todas as questões. Aristóteles coloca em questão o ato de deliberar, o homem delibera em todos os objetos ou em certos casos a deliberação não intervém.

Deliberamos sobre as coisas que estão ao nosso alcance e podem ser realizadas; e essas são efetivamente as que estão. Porque como causas admitimos a natureza, a necessidade, o acaso, e também a razão e tudo que depende do homem. Ora, cada classe de homem delibera sobre as coisas que podem ser realizadas pelos seus esforços. E no caso das ciências exatas não há deliberação como, por exemplo, a respeito das letras do alfabeto (pois não temos dúvidas quanto à maneira de escrevê-las) ao contrário, as coisas que realizamos pelos nossos esforços, mas nem sempre de mesmo modo, essas são objetos de deliberação. (ARISTÓTELES, 1965, p.85)

Desta forma, “cada homem delibera sobre o que crê ter de fazer” (ARISTÓTELES, 1965, p. 86). A sua capacidade de decidir incide sobre os fatos comuns. De realçar que só um ser humano sensato pode deliberar, por outro lado, nunca um ser estúpido ou um louco furioso. Com isso, só pode ser objeto de deliberação aquilo sobre o que um homem sensato delibera.

Não deliberamos acerca de fins, mas a respeito de meios. Um médico, por exemplo, não delibera se há de curar ou não, nem um orador se há de persuadir, nem um estadista se há de implantar a ordem pública, nem qualquer outro delibera a respeito de sua finalidade. Dão finalidade por estabelecida e consideram a maneira e os meios de alcançá-la; e, se parece poder alcançada por vários meios, procuram o mais fácil e o mais eficaz; e se por um só, examinarem como será alcançada por ele, e por que outro meio

alcança esse primeiro, até chegar ao primeiro princípio, que da ordem de descobrimento é o último (ARISTÓTELES, 1965, p. 86).

A especulação a respeito da liberdade em Aristóteles segue na afirmação de que como nos processos há um fim, também o ser humano tenderá para um fim, este seria a felicidade. Como já se sabe, para Aristóteles a liberdade é o princípio para escolher entre alternativas possíveis, realizando-se como decisão e ato voluntário. A inteligência então inclina a vontade para uma direção, mas não a obriga nem a constrange. Isso é tão verdade que se pode agir de forma contrária indicada pela inteligência ou a razão. Então para o filósofo o homem só seria feliz se pudesse fazer uso de todas as suas capacidades. Assim, exercer ações voluntárias seria importante para a felicidade do homem. Agindo livremente em conformidade com a razão, “contudo, poderá tornar-se livre se for guiado pela razão” (ABBAGNANO, 1981, p. 233). O indivíduo deverá estar atento a evitar os extremos condenáveis, na busca de uma situação de equilíbrio que garanta o seu deleite pessoal.

É por ser livre e incondicionada que a vontade pode seguir ou não os conselhos da consciência. A liberdade será ética quando o exercício da vontade estiver em harmonia com a direção apontada pela razão. (CHAUI, 2007, p.182)

Aristóteles reconhece ainda algumas contradições na noção de liberdade. Estas são: diferenciar os atos em que envolve a liberdade da vontade e da escolha e os atos que são obrigados a praticar. Por um lado, involuntário (porque não quero fazer) e ao mesmo tempo voluntário (porque apesar de tudo fí-lo). Aristóteles assegura que um indivíduo só é responsável pelo seu ato, ou seja, a sua ação só será voluntária se a sua causa primeira for interna e se os seus atos emanarem da sua própria vontade ou se o sua ação não for consequência da sua ignorância. “No entanto, por sua liberdade, o homem permanece senhor de sua atividade” (INTRODUÇÃO SOBRE A LIBERDADE CRISTÃ E A LIBERTAÇÃO, 1986, p. 28). Então o homem é responsável não só pelo fim que se propõe a seguir, mas também pela forma como age para atingir este fim.

2.0.COMPREENSÃO EXISTENCIALISTA DA LIBERDADE EM JEAN PAUL SARTRE.

2.1. Visão histórica de Sartre.

Jean Paul Sartre, nascido na cidade de Paris em meados de 1905, um dos filósofos mais famosos de nosso século. Estudou na Escola Normal Superior. Após extenso estudo em fenomenologia e das obras de Heidegger na Alemanha se tornou Professor de Liceu em várias cidades do interior da França. Foi preso pelos alemães ao militar na resistência francesa e em 1945 fundou a influente revista *Les Temps Modernes*, passando assim a se dedicar à atividade literária.

Sartre foi um dos poucos filósofos importantes da nossa época a não frequentar o universo acadêmico. Ele dedicou suas pesquisas a sua filosofia primordial, o existencialismo. Baseia-se na condição humana do homem como um ser em que a existência precede a essência. Sartre, cujo pensamento é ateu, descobre o absurdo da vida pelo homem que toma consciência de sua condição de ser finito marcado pela morte que deve levá-lo à busca de uma justificativa de sentido, ou seja, um horizonte para a existência humana.

A consciência para Sartre é, portanto, o componente fundamental dessa busca de sentido, e é esta consciência que desvenda a existência do outro, sem a qual ele não pode existir, já que a consciência só existe através daquilo de que é consciência. Já a liberdade Sartre defende como uma das características mais fundamentais da existência humana. “o homem é condenado a ser livre” (JAPIASSÚ E MARCONDES, 1991, p. 241). Há uma necessidade de assumir essa liberdade vivendo autenticamente um projeto de vida.

Com a chegada da década de 60, Sartre se aproximou da filosofia marxista afirmando ser uma das filosofias mais insuperáveis de nosso tempo vendo-a com grandes objetivos no pensamento revolucionário comprometido com as transformações sociais. Por outro lado, ele criticou o materialismo e determinismo de Marx. Volta sempre o seu olhar para o homem. Em meados de 1964 Sartre surpreende alguns de seus admiradores com o seu trabalho “As Palavras” que tem como foco o significado psicológico e existencial de sua infância. A carreira como escritor toma força e lança mais uma obra dividida em partes, um extenso estudo sobre FLAUBERT, *L'Idiot de Famille*.

Sartre escreve vários livros procurando sempre expressar seu pensamento existencialista e a sua paixão pela liberdade humana. Ele morre aos 75 anos em 1980.

2.2. Concepção Existencialista da liberdade em Sartre.

A primeira guerra mundial pôs fim a uma cultura que dominava a ideia de progresso e bem estar. Nesta guerra encontrava-se o homem que vivia simultaneamente com angústia, medo, lutando para uma possível solução para a questão de valores da civilização que ele mesmo criava. Porém, o advento da Segunda Guerra Mundial veio agravar esta situação. Com o seu término, o existencialismo entra como um espelho fiel da situação de incerteza que envolvia a sociedade europeia dominada, ainda, pela destruição material e espiritual da guerra e se preparando para uma possível reconstrução.

A obra literária de Sartre surge nesta altura incluída na chamada literatura existencialista. Estabelece uma ligação entre a situação da época e as formas conceituais do existencialismo. Segundo os acontecimentos que marcaram o tempo após a guerra os escritos de Sartre ocuparam-se de descrever as situações humanas que realçassem “os traços da problematidade radical do homem, sublinhando (...) a incerteza da ação humana (...) e a ambiguidade do próprio bem, que se confunde com o seu contrário.” (ABBAGNANO, 1978, p. 183).

A aventura da consciência em almejar o seu próprio complemento, através da conciliação do para-si com o em-si, veio desvelar a característica de que o ser do homem se conforma sempre com um fazer e um agir. Sartre propõe descobrir a condição em que se constitui esta qualidade que é, para ele, a liberdade. Propõe ainda examinar as estruturas das suas manifestações no interior do homem. Sartre analisa a liberdade e o agir humano a partir da ideia de que o homem é um ser que escapa a todo rígido determinismo exterior e interior, um ser imediato e integralmente responsável por todas as suas ações. A pessoa humana é por si intrinsecamente e ontologicamente livre.

Para Sartre, então, a liberdade é basicamente o nosso poder de optar, é uma opção concretizada pelo homem que reflete necessariamente os seus projetos no mundo. “O princípio primeiro da existência concreta dos indivíduos tem que se situar numa opção profunda, absolutamente gratuita, pela qual eles se escolhem absolutamente”. (SILVA, 1997, p. 82). A liberdade é a escolha livre e com consciência do bem que o indivíduo faz de si próprio e do mundo. Uma escolha com consciência do bem diz respeito a estar em pleno conhecimento de que o bem existe e optar por ele livremente. Para tal escolha tem que se saber das várias opções e significados que o cercam. Em vista disso um animal não opta livremente porque não tem a consciência e a ação reflexiva sobre as opções e significados do

bem. Portanto, só há liberdade na decisão sendo, por isso, um fazer que se realiza e manifesta no ser mesmo, este sim, é o alicerce da liberdade.

A filosofia de Sartre tem como centro a essência do homem que é a liberdade. Para Sartre a constituição da essência do homem é por meio da liberdade e não vice-versa. Com estas declarações o filósofo vai contra as afirmações tradicionais que viam na liberdade uma das propriedades da essência humana, viam que na liberdade há uma propriedade ontológica. Sartre, em seus estudos, discordava desta concepção, não explicava como os indivíduos, usando a sua liberdade, formariam ou formam personalidades totalmente diferentes. A personalidade, então, como todas as características da existência, é individual e produzida pela liberdade a qual é necessária. Portanto, faz-se indispensável consistir o constitutivo fundamental do ser humano.

Sartre defende a liberdade absoluta que pretende dissolver e anular toda a necessidade.

A liberdade é pesada. Tem caráter opressivo ao sobrecarregar os meus ombros com o peso do meu ser, e com o peso do mundo. Mas é o único valor, porque não se apoia senão em si, e é o valor absoluto porque só através da liberdade pode haver valor. (SILVA, 1997 p. 84).

Uma determinada situação só existe devido à liberdade, em virtude de que os obstáculos que a pessoa enfrenta existem sempre em relação aos fins a que ela se propõe a si mesma e ao mundo. Por outro lado, é a liberdade que reconhece ou não uma dada situação. A liberdade para Sartre é, então, a testemunha, o fator que permite modificar ou anular o projeto inicial de uma pessoa a qualquer instante. Esta liberdade de modificar o que o homem planejou inicialmente não é sinônimo de fuga ou anulação do próprio mundo mas, pelo contrário, é a liberdade de permanecer no limite dos fatos, do mundo. Permite, então, determinar os fatos indetermináveis com as escolhas individuais do homem. No entanto, para Sartre o projeto do homem está destinado ao insucesso. Então, a liberdade surge como um projeto fundamental em que se encontram compreendidos os atos humanos constituindo a última possibilidade da realidade humana, a sua escolha originária.

A escolha originária é entendida por Sartre como uma escolha absolutamente incondicionada, ou seja, liberdade incondicionada. O homem é sempre livre. “Eu sou condenado a ser livre”. (ABBAGNANO, 1978, p. 184). Em todas as situações, diante todas as condições. Tudo o que acontece no mundo volta-se à liberdade e à escolha originária, por isso nada do que acontece ao homem pode ser considerado inumano. Não existe, então, situação inumana; é somente o medo, a fuga, ou o recurso e comportamentos que se dizem

mágicos; no entanto, todas as decisões são humanas e será o homem o único responsável por elas.

O filósofo afirma que não pode ser possível encontrar limites para a liberdade do homem para além da própria liberdade. Faz-se necessário analisar o homem como causa de si mesmo; para escolher, além de se escolher a si mesmo, tem de escolher o que ele próprio irá causar. No entanto, a liberdade do indivíduo não pode ser considerada um capricho momentâneo, mas ela se estabelece na sua própria existência.

Sartre tem como centro de sua filosofia a existência. Não como algo instintivo, mas como uma escolha livre. Alega, ainda, que a existência humana é anterior ao seu significado. O fato de o homem existir é anterior ao que ele é. Sartre toma como ponto de partida o princípio de que a existência precede a essência. O homem inicialmente existe, encontra-se no mundo, só depois então se define na sua essência, naquilo que pretende ser. Por este horizonte, o homem não tem uma natureza determinante já que o existencialismo, especialmente em Sartre, é oposto ao determinismo o que significa que o homem, tendo um projeto fundamental, responsabiliza-se pelo seu ser. A liberdade é, então, o destino do homem: o homem é aquilo que escolhe ser, o homem é liberdade. Sendo assim:

O homem escolhe os seus fins, e, porque os escolhe, dá-lhes uma existência transcendente, que é como o termo limite dos seus projetos. Aqui, a existência precede e determina a essência, isto é, o homem, com o seu aparecimento, define o seu ser, mediante os fins que a si próprio se confere. É como brotar originalmente a minha liberdade. Este brotar é fundamentalmente existência, “porquanto o fundamento dos fins que intento, quer pela minha vontade, quer pelas minhas paixões, não é senão a minha própria liberdade”. (SILVA, 1997, p. 86).

É importante ressaltar que, para o existencialismo, ser livre não se trata apenas de poder optar, mais também de ser responsável pelas opções tomadas. Neste sentido o homem é totalmente responsável pela sua existência. Aqui, outro conceito se apegua à liberdade: a responsabilidade. Desde que a liberdade se faz uma vez necessária, total e infinita, o indivíduo terá que suportar sobre os ombros o peso do mundo inteiro. O homem é responsável por si e pelo mundo, não na existência, mas na sua maneira de ser, visto que não pode deixar de ter consciência da sua imputabilidade quanto aos acontecimentos e à configuração do mundo. Colossal responsabilidade, uma vez que o homem reconhecendo-se abandonando e livre, apreende como sendo aquilo que se faz ser. Deste modo, não se admite qualquer lamentação, porque nenhuma potência estranha pode ter o poder de determinar

aquilo que é. Com isso, o mundo é apenas um reflexo do homem. “A responsabilidade não é aceitação, é a reivindicação lógica da minha liberdade, e de todas as conseqüências que dela emanam”. (SILVA, 1997, p. 95).

Sartre representava o existencialismo ateu. As suas ideias sobre a responsabilidade dos atos humanos eram voltadas para o ateísmo no qual ele acreditava. Então, a concepção de Deus para Sartre não se limitava a um Deus religioso, logo que o filósofo não acreditava em algo inteligível superior ao homem. Sendo assim, o homem está somente no mundo sem desculpas ou justificações, longe de qualquer entidade que implante valores ou imposições pré-estabelecidas que norteiem e legitimem o comportamento dos homens ou que sirvam para julgá-los. Para Sartre o homem se situa no mundo como um ser sozinho, no silêncio, livre e só, condenado sem recurso possível, condenado para sempre a ser livre.

Com base nesta tese, o homem não deixa de fazer uso da responsabilidade ao escolher seu próprio caminho pois, querendo ou não, ele torna-se obrigado a querer. Nenhum indivíduo pode ser livre para outro, a decisão será sempre individual e intransferível. A liberdade é essencialmente de cada homem, a liberdade é pessoal e cabe só à pessoa percorrer o seu caminho. Assim, Sartre afirma que o homem está condenado a existir para sempre para além de sua essência.

Por isso, o homem cria sua própria essência, sendo totalmente responsável por tudo o que faz: O homem é responsável por aquilo que é pela sua individualidade e pelos outros homens. Assim, não há nem abaixo e nem acima dele qualquer pretexto. Neste sentido toda opção feita pelo homem será igualmente uma opção do outro e valores que refletem no mundo e na realidade. Ao criar o homem que deseja ser, simultaneamente o indivíduo cria uma imagem de como acredita ser o homem. Assim, quando se faz uma escolha ou uma ação tem que levar em conta a responsabilidade, pois estas ações e escolhas podem se refletir na humanidade toda. Estas decisões e atos sempre recairão sobre o bem e esta escolha será, então, boa para o indivíduo e para todos. Sendo assim, não há a possibilidade de deixar de optar pela liberdade individual sem desejar concomitantemente a liberdade do outro. “... sou responsável por mim mesmo e por todos, e crio uma certa imagem do homem que eu escolho; escolhendo a mim, \ escolha o homem”. (SILVA, 1997 p.106).

Sartre retira do homem qualquer ponto de referência, isto ocorre devido ao ateísmo enraizado do filósofo, obrigando o homem a fazer as suas próprias regras, o que o torna injustificável, sem apelo possível perante o nada. Assim o sentido fundamental da doutrina

de Sartre é a náusea, baseada nesta injustificabilidade. A angústia nada mais é que “o sentimento da nossa completa e profunda responsabilidade”. (ABBAGNANO, 1978, p. 263). O homem, encarcerado no seu íntimo, encontra o irremediável vazio do seu ser equivalente à náusea sartriana.

Se o homem não fosse livre, não teria como sentir culpa e nem orgulho de nada, evitaria o remorso. Mas a liberdade conduz o homem à dúvida em relação à opção que irá adotar. Apesar disso Sartre fundamenta que o homem nunca deve ter remorso, embora se o tiver, demonstrará arrependimento pelas opções escolhidas. De certa forma, os remorsos seriam uma forma de negar a própria atitude humana. Portanto, as ações do homem nada mais são que a expressão fidedigna da liberdade, ao negá-las, estará negando também a liberdade, isso seria uma contradição.

CONCLUSÃO

Na época de Aristóteles, na Grécia, a liberdade consistia em uma interação harmoniosa dos indivíduos com a sociedade que era basicamente formada de escravos. A filosofia aqui era eminentemente teórica, voltada para a totalidade do que há, para uma cosmologia e uma ontologia. Já para a filosofia de Sartre, existencialista, consistia em verdades concretas e historicamente voltadas sobre o homem afirmando a liberdade e a realização humana na decisão livre.

Sartre referiu na sua filosofia que a liberdade se forma no pensamento do indivíduo, uma vez que é em nossa interioridade, no nosso pensamento que se abriga a liberdade, embora haja várias condicionantes do exterior e da dependência de fatores que escapam do nosso domínio. Este fato faz com que a liberdade de pensamento não seja anulada por atividades externas. Dessa forma, a liberdade nem sempre foi considerada uma expressão do interior. Já Aristóteles, como vimos no decorrer deste trabalho, definia a liberdade em um horizonte puramente político e social, pelo que esta consistia na atividade de um homem livre na sociedade.

Percebe-se também que a faculdade de pensamento a que Aristóteles se refere consente ao homem fazer suas opções permitindo, assim, o uso da liberdade. Nesta ocasião a liberdade equivale a uma total indeterminação. O homem, então, em cada momento de sua vida, tem a possibilidade de realizar o que lhe aprouver, completamente alheio a condicionalismo de qualquer ordem. Compreende-se que na vida real não agimos assim,

pois, se assim fosse, poderíamos admitir na ação humana uma total liberdade onde o homem agiria por agir. Acreditamos quando Aristóteles refere ser o homem o princípio dos seus atos, uma vez que todas as suas ações partem da sua reflexão acerca da realidade que o rodeia, da sua vontade e dos objetivos que almeja atingir.

Vemos que a felicidade do homem está subordinada à possibilidade de executar ou não ações voluntárias. Imaginamos como algo desprezível e frustrante para o ser humano agir simplesmente influenciado por alguém, indo contra suas ideias e crenças.

Sartre exalta muito o homem, em especial quando se trata de uma liberdade absoluta e afirma que esta liberdade não está sujeita a condicionalismo. Se assim fosse, com certeza, todos agiriam sem olhar os meios para atingir os fins. Portanto, se por um lado a liberdade nos é concedida, logo ela nos é condicionada, e por ela temos a absoluta responsabilidade. Neste aspecto manifestamos a nossa concordância com Sartre na medida em que o filósofo afirma sermos dotados de liberdade que imprime no homem a global responsabilidade pelos seus atos.

Não se pode, ainda, afirmar que a liberdade se limita ao fazer o que queremos, envolve um compromisso quando delibera agir de uma determinada forma, uma necessidade de refletir sobre as consequências dos atos a serem tomados. Após a ação adotada procede a responsabilidade por tal ato tendo o homem o dever de comprometimento com ela e aceitar as consequências que advêm de tal escolha.

Deste modo, a liberdade não pode ser considerada como algo pueril, é algo sério e relevante para cada homem.

A abordagem feita sobre a liberdade neste trabalho, em que se analisa dois filósofos de períodos distintos, comprova a antiguidade do tema. Não há uma concepção universal de liberdade que seja aceita por todos os filósofos de forma unânime. Mas procurar compreender o que outros homens pensadores disseram a respeito da liberdade servirá como ponto de partida, uma orientação para formar nossa própria concepção de liberdade. Assim, temos a certeza de que a resposta mais acertada não poderá ser reduzida à escolha de hipótese que nos pareça mais válida. Será necessário, então, estudar a multiplicidade específica do conceito de liberdade e entender e definí-la na sua totalidade. Só assim estaremos aptos a compreender a questão e as variadas respostas que ela dá.

ABSTRACT

Man is born and remains free. Freedom was and still is widely debated among thinkers, all in search of a convincing explanation and correct about this word that makes all the difference in human existence. Faced with this dilemma: what is freedom, two authors stand out to try to resolve this issue. These are Aristotle and Sartre. Aristotle believed that freedom was a harmonious integration of an individual in a society where slavery covered the majority of men. As for Sartre is up with concrete and historical truths about the man, says the man and the realization of freedom in free decision.

Key words: freedom, existence, essence, choic

e, consciousness

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1978. Vol. 17. p. 183-263.
- ARISTÓTELES. *Breve Conspecto Da Biografia Aristotélica*. Disponível em: http://www.4shared.com/get/CTTQhhCX/Aristoteles_biografia.html, Acesso 28 out 2010.
- CHAUI, Marilena. *Filosofia Ensino Médio*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2007. p. 180-3.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução Sobre a Liberdade Cristã e a Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 28.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p. 163-241.
- MONDIN, Battista. *Introdução à Filosofia*. 16ª. Ed, São Paulo: Paulus, 2006. p. 109.
- MORISON, Eliot Samuel. *A Liberdade Na Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959. p. 73.
- SILVA, Góis Cléa. *Liberdade e Consciência no Existencialismo de Jean-Paul Sartre*. Londrina: UEL, 1997. p. 82-106.
- TELES, Luiza Maria Silveira. *Filosofia para Jovens: Uma iniciação à filosofia*. 9ª. ed, Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 30.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. *O Livre-Arbitrio*. 4 ed, São Paulo: Paulus. 2004. p. 298.
- _____. *Os pensadores: Confissões*. São Paulo: Nova Cultura. 1996. p. 415.
- NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada de Filosofia*. Das origens à idade moderna. São Paulo: Globo. 2005. p. 479.
- REZENDE, Antonio. *Curso de Filosofia*. 13 ed, Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 311

